

Reportagem Cultural

Ancestral e ensolarada Loma

Contando mais de cinco décadas à frente de uma obra musical plural como poucas, a cantora Loma Solaris prepara-se para brilhar com o quinto álbum de sua carreira

Cristiano Bastos

“Sou espiritualizada e me reconheço ancestralmente oriunda da Região dos Grandes Lagos, em cujas águas deságua a nascente do ancião Rio Nilo. Em sua revolucionária dinastia, o faraó Akhenaton e a rainha Nefertiti aboliram a ‘pilha’ de deuses antes existentes no panteão de deidades para adorar o Sol como único Deus. Minha pele preta é uma dádiva justamente por sua propriedade de suportar o tórrido calor daquela região. Amo a luminosidade solar da mesma maneira que amo a história e a negritude do meu povo. Na medida que o conhecimento e respeito acerca das minhas origens foi crescendo em mim, um belo dia, eis que a Loma acordou ‘Solaris’”.

Com o enunciado desta legítima “declaração de hereditarie-

dade” a indômita cantora Loma Solaris (um dia ela também se chamou ‘Pereira’ ou simplesmente ‘Loma’) define a si mesma na atual etapa de sua trajetória artística. A nova alcunha é repleta de significados. O mais imponente deles se reflete, podemos dizer, justamente no resgate da história da cultura negra - dentro do rizomático cancionero regional sul-riograndense - promovido por ela no álbum *Loma Preta Gaúcha*. “Trata-se de uma obra essencialmente preta, enaltecendo e reafirmando em suas letras e melodias o vínculo do Rio Grande do Sul com a música latino-americana”, define a artista.

Com recursos providos do edital de cultura Aldir Blanc, *Loma Preta Gaúcha*, o quinto rebento solo de sua discografia, reúne no repertório um conjunto de canções cuja vibrante musicalidade

derrama-se em valsas, chacareiras, milongas, reggae e até mesmo uma incursão pelo boi da praia (ritmo afro-açoriano aproximado do maracatu). “Já as letras versam sobre meio ambiente, mulheres, povos indígenas e comunidades afro-brasileiras. Ou seja, temas que resgatam a tradição, mas que, por outro lado, seguem relevantes na contemporaneidade”, ressalta a cantora.

De autoria de Nilton Júnior e dos irmãos Adriano e Cristian Sperandir, o onirismo telúrico ao piano de *Valsa dos vagalumes* é o primeiro single de *Loma Preta Gaúcha* (a próxima a ganhar lançamento é a canção *O trigo*, poema de Oliveira Silveira musicado por Vladimir Rodrigues). Na concepção de Nilton Júnior, a dimensão da representatividade de Loma transpõe fronteiras geográficas e culturais. Ultrapassa, ele

situa, o público identificado com matizes afro-litorâneas-nativistas-açorianas, alcançando com o poder emanado pela voz de Loma uma audiência “regional brasileira”. Atual presidente da Moenda - Associação de Cultura e Arte Nativa (entidade realizadora da Moenda da Canção na qual, aliás, Loma triunfou em 1991, defendendo *Parentes na África*), Nilton diz-se embevecido com a lisonja de ter uma música sua na voz da cantora. “Ela, de maneira magistral, fez sua interpretação para *A valsa dos vagalumes*, nela cingindo um sentimento único e a ela dando um toque todo especial”, regozija o compositor.

Amiga pessoal e responsável pela produção executiva de *Loma Preta Gaúcha* (previsto para o primeiro semestre de 2026), Consuelo Vallandro tem a cantora como legítima “camaleoa” e - do alto de

seus vivazes 52 anos de carreira - patrimônio vivo da cultura brasileira: fonte de orgulho, inspiração e especialmente empoderamento. Uma artista, Consuelo distingue, que, dentre outros feitos, realizou o corajoso rompimento das barreiras tácitas estruturadas nos preconceitos os quais historicamente mantêm emparedado o tradicionalismo. “A garra e a confiança da Loma Solaris desenharam essa figura luminosa e solar, que, pelos mais diversos rincões do País, levou seu axé de energia, alegria e talento singular - e eis que hoje ela assume sua força no nome artístico por ela delineado”. Consuelo arremata: “A música que resplandece na voz de Loma para sempre há de brilhar na grandeza de seu legado e de sua sublime arte.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O redivivo Teatro de Arena

O início, na última segunda-feira, de obras no Teatro de Arena é uma notícia verdadeiramente auspiciosa, não apenas para os que gostam especialmente de teatro, quanto para todos os que acompanham o desenvolvimento cultural da cidade. O espaço, situado na escadaria da Borges de Medeiros, entre a Duque de Caxias e a Fernando Machado, não apenas abriga um teatro, mas guarda uma história importante de resistência à ditadura de 1964, sendo um símbolo de resiliência e de amor à arte.

Resumidamente, um grupo de jovens estudantes do então CAD - Centro de Arte Dramática da Ufrgs nos anos 1960 resolveu ampliar suas oportunidades de praticarem teatro na cidade. Surgiu, assim, o GTI - Grupo de Teatro Independente que, não tendo espaço próprio e não podendo contar com o espaço da escola, resolveu buscar uma alternativa. Acabou encontrando, na rua General Vitorino, praticamente em frente à entrada do próprio CAD. Era um espaço subterrâneo: descia-se uma pequena escada. Já albergara um grupo importante, o Teatro de Equipe que, no período da Legalidade, acabou tendo uma função significativa: um de seus integrantes, Paulo César Pereio, acabou liderando o grupo, do qual participava, entre outros, a poeta Lara de Lemos, oferecendo ao então Governador Leonel Brizola o *Hino da Legalidade*, composição que todos os que viveram aquela época bem conhecem.

Por sua qualidade, a maioria dos integrantes do Teatro de Equipe havia migrado em busca de melhores oportunidades de trabalho. Pois a moçada do GTI reencontrou o local. Ali assisti, por exemplo, a *Esperando Godot*, de Beckett. O grupo tinha, entre seus líderes, Jairo de Andrade que, com a atriz Alba Rosa, queriam ampliar as atividades daquele conjunto.

Numa segunda etapa, descobriram um outro espaço, justamente este da escadaria da Borges de Medeiros. Era menos subterrâneo do que o primeiro: embora fosse o subsolo do prédio, cuja entrada de referência estava situada na Duque de Caxias, aquele depósito ou algo parecido estava ao nível da própria escadaria da Borges de

Medeiros. Embora acanhado, era um espaço mais iluminado e com maior circulação de ar. Mesmo assim, para alcançar o alvará da prefeitura municipal, o grupo precisava instalar um renovador de área e aparelhos de ar condicionado. A moçada aceitou o desafio: tornaram-se operários de construção e passaram a levantar, por seus próprios esforços, as divisórias e demais construções internas necessárias para o espaço se tornar um teatro. Um teatro de Arena.

O Jornal do Comércio tem relação direta com esta história, e isto pode orgulhar a todos nós. Na época, era o jornalista Marcelo Renato, magérrimo e muito alto, quem assinava a coluna de teatro. Ele também virou operário da construção do Teatro de Arena.

Por iniciativa de Marcelo Renato, criou-se uma publicação do novo grupo, que se chamava *Teatro em revista*: na capa de sua primeira edição, aliás, lá aparece Marcelo em plena labuta, levantando os tijolos do

balcão que ainda hoje pode ser visto na sala de espera do teatro. A revista, mensal, teve quatro edições, mas depois o grupo precisou escolher: ou editava a publicação, ou o dinheiro era destinado às produções dos seus espetáculos. Venceu a segunda opção.

Fui testemunha de tudo isso: trabalhava no Correio do Povo e cobria o setor de cultura, sob a tutela do veterano Paulo Fontoura Gastal. Mais tarde, fui participante de outros episódios. Como a censura era muito rigorosa, Jairo de Andrade inventou de fazer "leituras dramáticas" dos textos mais problemáticos, com o apoio do Sindicato dos Bancários, na época dirigido por Olívio Dutra. Eu trabalhava na redação até 20h e, depois, saía correndo até o teatro, onde assistia à "leitura" e coordenava os debates sobre cada texto. No dia seguinte, transformava isso em artigo que saía estampado nas páginas do jornal.

Dezenas de histórias podem ser lembradas e evocadas sobre o querido Teatro de Arena. Mas isso fica para outras colunas. O leitor contemporâneo destas aventuras certamente terá outras memórias...

Vida eterna ao Teatro de Arena que agora, sob o comando de Caco Coelho, começa a ressuscitar.

A moçada aceitou o desafio: tornaram-se operários de construção e passaram a levantar o novo Teatro



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

A dor da memória

O diretor Luca Guadagnino, a se julgar por este *Depois da caçada*, está interessado em demonstrar que o nível intelectual de seus personagens não é empecilho para que dores e angústias geradas por acontecimentos passados não resolvidos e sim acobertados atuem como agentes capazes de transformar a vida presente como algo difícil de ser suportado. Assim, ao iniciar sua narrativa com o despertar de um casal, ele coloca na tela personagens que abandonam o refúgio do sono para enfrentar a realidade. O cineasta não encena ou faz referências aos sonhos, mas a repetição de tal ritual não deixa dúvida quanto às intenções do realizador. A maneira como a professora interpretada por Julia Roberts procura prolongar sua fuga noturna é outro lado revelador e muito destacado em toda a narrativa. Este é apenas um dos sinais de sua dor. Outro são os sucessivos vômitos que a atormentam.

Ao exigir da atriz uma postura rígida, Guadagnino procura também criar uma personagem que mais parece uma figura que não consegue uma aproximação com semelhantes. Enquanto o marido procura recriar momentos de um passado que parece sepultado, ela se mantém fria e distante. Numa cena que ele "rege" uma peça de John Adams, ela pede que ele diminua a intensidade do som. São cenas assim que terminam revelando não apenas um cotidiano de vidas humanas, como também focalizam a essência de uma relação imperfeita.

Depois da cena que antecede os créditos principais, o espectador assiste uma festa na casa do casal visto na abertura, na qual vários professores discutem temas relacionados ao comportamento humano, tudo num nível muito distante do cotidiano. Nomes de pensadores de várias épocas são citados, mas, de repente, uma das participantes avisa que necessita ir ao banheiro. E lá, entre outras imagens distantes do que na sala se discutia, ela encontra um segredo, que só mais tarde será devidamente conhecido do espectador. Esse contraste entre vida cotidiana e pensamento elaborado é bastante

abordado durante a narrativa, mas sem a clareza que o cinema costuma exigir de tal circunstância. Baseado num roteiro escrito por Nora Garret, o filme abusa de diálogos nos quais os personagens parecem sempre procurando esconder fatos, ou então escondendo algo que pode ser comprometededor ou instrumento capaz de causar um sofrimento ainda maior. A cumplicidade do cineasta com suas criaturas termina fazendo com que o espectador a tudo acompanhe com um distanciamento que perigosamente se aproxima do desinteresse. E, ao falar de temas como escolhas sexuais e racismo, não há dúvida que falta profundidade ao relato, pois tudo permanece limitado por frases que pouco dizem a respeito de tais assuntos.

Porém, numa época em que as telas abrem espaço para produções que elegem superficialidades e barram filmes com objetivos mais sérios, *Depois da*

caçada não deixa de ser um trabalho de exceção. Fazer um filme que aborda o tema do passado oculto ou mal elaborado e causador de males físicos e emocionais não deixa de ser uma ousadia. É indiscutível que o filme é uma peça marcada pela inconformidade

diante de regras impostas por um amplo sistema de produção. E não deixa de ser interessante ver na tela personagens dotados de inteligência e conhecimento, figuras de um mundo culto, envolvidos com problemas relacionados a imperfeições num processo de autoconhecimento. Nenhum deles cita o aforismo grego sobre o autoconhecimento, mas o filme está todo ele ligado ao mais sábio dos conselhos. Ao seguir tal orientação, o ser humano certamente se afastaria do sofrimento causado pelas nuvens que impedem a passagem da luz. O filme de Guadagnino tem o mérito de colocar figuras perambulando nas sombras e percorrendo caminhos que levam a nada. Mas certamente seria mais importante se evitasse certos diálogos cujo artificialismo contrasta com o cotidiano pretendido. Afastar o interesse do espectador nunca será um caminho para o cinema.

Numa época em que as telas abrem espaço para superficialidades e barram obras mais sérias, este filme não deixa de ser exceção

fique ligado

Emergência climática elaborada em dança

Fazendo alusão às emergências climáticas e a enchente de maio de 2024, a performance *Muita Água* terá sessões neste sábado e domingo, às 19h, dentro da IX Mostra de Artes Cênicas e Música do Teatro Glênio Peres (Loureiro da Silva, 255). Criada por Cibele Sastre, Juliana Vicari e Fabiano Nunes, a montagem aposta em elementos cênicos como botas de chuva, coletes fluorescentes, guarda-chuva, lama e cavalo Caramelo para, a partir de uma estética contundente, provocar a conscientização acerca do meio ambiente e uma elaboração simbólica da catástrofe. A entrada é franca, com ingressos disponíveis no Laboratório da Sessão de Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre.

A partir das próprias expe-



Muita Água terá apresentações gratuitas neste sábado e domingo

riências vivenciadas durante a catástrofe, *Muita Água* traz narrações ácidas e uma união de elementos cênicos, dança, performance corporal e iluminação que realçam a sensa-

ção de confusão e insegurança daqueles dias, marcados pelo acúmulo de lixo, pela produção desenfreada de falsas informações e pelo estado permanente de alerta.

Ospa traz duas óperas curtas neste final de semana

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) oferece ao público duas óperas curtas, em um programa com clima de comédia neste final de semana. No sábado, às 17h, será apresentada *O Telefone*, de Gian Carlo Menotti, e no domingo, às 11h, é a vez de *Signor Deluso*, de Thomas Pasatieri. As apresentações acontecem no Complexo Cultural Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501) e têm ingressos (entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00) à venda no Sympla ou no local, no dia de cada apresentação.

A sessão de sábado será transmitida no canal da Ospa no YouTube.

O Telefone e *Signor Deluso* são óperas bufas em um ato e trazem histórias curtas, ligadas às mazelas do cotidiano. As duas sessões integram a programação do 6º Ópera em Pauta, que propõe debates sobre a produção de ópera em todo o Brasil. Promovido pelo Fórum Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto, o evento também terá atividades no Multipalco Eva Sopher, no complexo do Theatro São Pedro.

Anseios e angústias da enchente

Espetáculo que estreou com sucesso em janeiro deste ano, *Enquanto Esperamos* terá duas novas sessões sábado e domingo, às 20h, na Sala Álvaro Moreyra (Érico Veríssimo, 307). Com concepção e direção do coreógrafo Ivan Motta, a montagem foi criada a partir dos anseios gerados com o desastre ambiental que atingiu Porto Alegre em maio de 2024. Ingressos de R\$ 30,00 a R\$ 60,00, no Sympla.

Inspirado em *Esperando Godot*, do escritor irlandês Samuel Beckett (1906-1989), o espetáculo usa a linguagem da dança para transpor a interminável espera por alguém que nunca chega para a realidade de flagelados de enchente em busca de socorro, perspectiva ou soluções.



Peça *Enquanto Esperamos* estará na Sala Álvaro Moreyra

Viagem pelos sons percussivos do planeta

O espetáculo *Tambores do Mundo* vai reunir oito percussionistas de diferentes origens e estilos no sábado, às 18h, na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). A apresentação, que marca o encerramento do 3º Festival de Percussão Ecarta Musical, traz Pedro Borghetti (bombo legüero), La Negra Ana Medeiros (castanholas), Fabiano Derbak (derbaque), Fernando Sessé (pandeiro moderno), Cândido de Castro (percussão oriental), Pingo Borel (bataque), Loua Pacom Oulai

(djembés e dununs) e Ojo Ateliê (cerâmica sonora) em uma viagem pelos sons percussivos do planeta. A entrada é franca, e o show terá transmissão ao vivo pelo canal da Fundação Ecarta no YouTube.

Na manhã de sábado, às 10h, ocorrem também as duas últimas oficinas ligadas ao festival: *Bataque afro-gaúcho*, com Pingo Borel, e *Cerâmica sonora*, com as percussionistas da Ojo Ateliê (Carazinho). As inscrições podem ser feitas pelo site ecarta.org.br.

Agenda

- Domingo, às 16h, o escritor Andrés Rivero lança o livro *Mormasiento* na Livraria Macun (Octávio Corrêa, 67). A obra reúne versos e narrativas que emergem da oralidade e da experiência cotidiana nas periferias fronteiriças. A entrada é franca e o livro será vendido a R\$ 40,00 no local.
- Sábado, às 19h30min, a Banda Brie celebra cinco anos de estrada em show de MPB e pop rock na Casa de Espetáculos (Visconde do Rio Branco, 691). R\$ 65,00 via Sympla.
- Festival Parktoberfest, de sexta-feira a domingo, no Estacionamento H do ParkShopping Canoas (Farroupilha, 4545 - Canoas). Entre as atrações, Reação em Cadeia, Comunidade Nin-Jitsu, Grupo Se Ativa e Banda San Marino. Livre.
- Projeto Unimúsica da Ufrgs resgata sua versão infantil, o Unimusiquinha, na sexta-feira, às 9h, com espetáculo do Gente Grande Também Brinca no Centro Cultural da Ufrgs (Luiz Englert, 333). Gratuito.
- Katia e Bruno Suman comandam festa 50+ *Baila Comigo* no Ocidente (João Telles, 960). Sábado, 19h, R\$ 70,00 via Sympla.
- Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) recebe Rodrigo Teaser com o *Tributo ao Rei do Pop*, dedicado a Michael Jackson. Sábado, 21h, ingressos via Sympla.
- Orquestra Theatro São Pedro e banda Perfect Sense se unem no Teatro Unisinos (Nilo Peçanha, 1.600) sexta, às 20h, com espetáculo *Pink Floyd em Concerto*. R\$ 100,00 via Sympla.
- Domingo, 11h, recital da série Pianíssimo da Casa da Música (Gonçalo de Carvalho, 22), com a pianista basca Garazi Goñi. Ingresso mediante contribuição espontânea no dia do evento.
- Sexta-feira, às 21h, cantor Rafael Witt estará no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373)

com o show de folk, indie e pop *Wanderer*. R\$ 75,00 via Tri.RS.

- Sábado, 10h30min, vernissage da exposição *Jardim Pop Barroco*, de Iuri Sarmento, na Galeria Bolsa de Arte (Visconde do Rio Branco, 365). Livre.
- Terreira da Tribo (Pátria, 98) recebe, neste final de semana, os espetáculos *Encanto dos Insetos*, de Minas Gerais, e *Memórias de Água*, do Equador. Sexta, às 20h, e domingo, às 19h. Entrada franca.
- Influenciadora digital Mih Taino estará no BarraShopping-Sul (Diário de Notícias, 300), sábado, às 11h, para autógrafos de *Um Intercâmbio quase Perfeito*. O encontro ocorre em frente à Livraria Leitura.
- Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) recebe Jambo Trio para celebração da MPB, sexta-feira, às 21h, R\$ 70,00. No sábado, às 21h, jazz e música brasileira com Paulo Dorfman & Luizinho Santos, por R\$ 40,00.
- Vera Reichert lança a exposição *Sobre Águas* no Museu de Arte do Paço (Praça Montevideu, 10). Abertura no sábado, das 10h às 13h. Gratuito.
- Coro Masculino 25 de Julho celebra 75 anos de história com jantar especial sábado, 18h30min, no Centro Cultural 25 de Julho (Germano Petersen Júnior, 250). Coro divide a noite com cinco conjuntos vocais convidados. Ingressos, com jantar incluso, por R\$ 60,00, pelo telefone (51) 99826-2709.
- CHC Santa Casa (Independência, 75) abre exposição *Eu sou porque Nós somos Terra, Energia e Sonho*, sábado, a partir das 8h. Imagens, vídeos documentais, instalação de bioconstrução, maquete e pintura. Entrada franca.
- Teatro Nilton Filho (Grão Pará, 179) recebe estreia da comédia musical *O Grande Show de Dior*. Sábado, 19h, R\$ 60,00 via Sympla.

reportagem cultural

Em campo, o time dos sonhos

Cristiano Bastos *

O advento do Grupo Pentagrama é tido por muitos como uma das mais inovadoras aparições na música regionalista gaúcha. Criado por Ivaldo Roque e Jerônimo Jardim, a formação - que tinha a estreante Loma, então contando seus 19 anos, nos vocais - completava-se com os músicos Tenison Ramos e Yoli Planagumá. Ainda que seu repertório seja rítmica e tematicamente focado no regionalismo, o primeiro, único e autointitulado LP gravado pelo quinteto, com lançamento da gravadora Continental em 1976, traça diálogos com o rock e a música brasileira. No disco destacam-se canções como *Fandanguera* e *Maria Fumaça*. *Côto de Vela*, por sua vez, à época chocou o “hostil” e conservador público gaúcho devido à sua vanguardista ousadia ao utilizar-se de aspectos da cultura negra, tanto na letra quanto na levada fandanguera sobressaída na melodia.

Grata pela oportunidade de integrar o Pentagrama, Loma conta que sua preparação vocal para integrar o quinteto consistiu então em cursos de dicção, teoria musical e solfejo (realizados na Faculdade Palestrina em Porto Alegre). No texto que acompanha

a contracapa do LP, o colunista da Folha da Tarde Osvald Lopes descreveu o grupo como sendo um dos raros casos de criação coletiva na música popular gaúcha daqueles tempos. “A música do Pentagrama antes de mais nada resulta das vivências, técnicas, formações e pontos de vista bem diferentes de seus cinco músicos”. Já a respeito da cantora, o jornalista destacou em seu texto os anos de experiência de Loma nos estúdios de gravação, com sua voz testada também em centenas de jingles por ela gravados.

Autor do livro *Woodstock em Porto Alegre*, o compositor e pesquisador Rogério Ratner conceitua o álbum do Grupo Pentagrama como paradigmático ao assumir em sua composição regionalista influências jazzísticas e de bossa nova. Há no disco, discorre Ratner, canções muito bem arranjadas e outras, por outro lado, repletas de dissonâncias harmônicas a adornar ritmos e temas próprios do ruralismo gaúcho. E inclusive, ele frisa, de viés folclórico. “O Pentagrama, no melhor sentido, era um legítimo ‘ninho de cobras’. Dispunha de talentosos compositores e instrumentistas e, para completar, contava com a presença de Loma, então ainda iniciante mas já grande cantora”, ressalta.



Primeiro e único LP do Grupo Pentagrama aproxima o regionalismo do rock, do jazz e da música brasileira; trabalho foi estreia discográfica de Loma (dir)



Cantora Loma assume a influência do ‘Astro Rei’ em novo momento da carreira

Estações discográficas

Quando de seu retorno à Porto Alegre (após a temporada de alguns anos passados no centro do País, concedendo sua voz à uma constelação de artistas brasileiros em palcos e estúdios de gravação), em meados dos anos 1980, Loma trazia em mente duas fundamentais proposições: dar início a uma carreira solo e, nesse seu retorno ao ‘torrão natal’, interpretar exclusivamente canções de compositores gaúchos. *Loma*, seu LP solo de estreia, financiou-se no mesmo esquema independente que (na base da ‘guerrilha’) nos primeiros anos da década havia viabilizado os discos *Terra* de Gelson Oliveira e Luiz Ewerling, *Juntos* de Nelson Coelho de Castro, *Pra Viajar no Cosmos Não Precisa Gasolina*, de Nei Lisboa, e *Último Verão*, de Julio Reny.

Tendo arranjos elaborados por Geraldo Flach (e produção dela própria em parceria com o violinista Cao Guimarães), o álbum inclui canções de compositores

como Bebeto Alves, Zé Caradípia e Fernando Gama. Em resenha crítica sobre Loma escrita em 4 de setembro de 1983, o jornalista Juares Fonseca afirma: “Este trabalho de Loma, aliás, é infinitamente melhor que os dois primeiros de Elis Regina em repertório e desempenho”. Do canoense Zé Caradípia (responsável por levar a cantora Zizi Possi ao estrelato em 1982 com o retumbante sucesso radiofônico *Asa morena*), ela escolheu as músicas *Maré de novembro* e *Planta incolor*. No Rio Grande do Sul, ressalta Caradípia, Loma até hoje é o nome que mais canções suas gravou - num total de quatro, contabiliza. “Todas elas, por sinal, ficaram lindas na voz dessa grande intérprete que é a Loma”, prestigia Caradípia.

Levada à gravadora RGE pelo produtor Ayrton dos Anjos, o Patineti, decorreu nove anos até que a cantora fizesse a concepção do segundo álbum: *Um Mate por Ti*. O

disco lançado em 1991 (cuja maior parte do repertório é composto por canções de autoria de Cao Guimarães), situa Loma, ensejou-se num momento de sua carreira no qual uma nova obra fazia-se necessária. E também coroa o fato de que, naquela altura, Loma havia se estabelecido como intérprete e mulher preta no ambiente dos festivais tradicionalistas. Escrita por Vinícius Brum, Beto Bollo e Aparício Silva, a faixa-título, mais do que um “presente” que ganhou destes compositores, afirma a artista, significou musicalmente a consagração de um decisivo momento de sua caminhada.

Oito anos depois, em 1999, a cantora faz o lançamento de *Além-Fronteiras*. O disco, cujas canções privilegiam grandemente a verve poética do letrista Robson Barenho (em parceria com distintos compositores), traz em suas músicas uma verdadeira infusão de negritude e brasilidade. Muito disso Loma

Quarteto S

Quatro mulheres expressam sobre sua convivência com

Eu conheci a Loma durante um encontro virtual que tivemos para nosso projeto das lalodês, apresentado por nós em Porto Alegre neste mês de outubro, o qual, por sua vez, serviu de preparatório para o ensaio. Propus que a gente fizesse uma música juntas, já que a ideia era justamente ter um encontro artístico. Ela fez então um poema maravilhoso chamado *Gira das lalodês*. Ficamos parceiras no ato. Mas só chegando em Porto Alegre pude entender de fato a dimensão artística que ela possui nessa cidade. Nosso encontro foi muito próspero, e senti uma afinidade imediata entre nós duas. A Loma é uma pessoa muito linda e com uma energia muito potente. Fiquei muito feliz de tê-la conhecido. Eu acredito que esse nosso encontro será próspero para novas parcerias.

Thalma de Freitas (cantora, compositora e atriz)

A Loma e eu temos muitas histórias cruzadas, mesmo que muitas delas à distância, nos admirando, ela do palco, eu dos bastidores. Lembro-me de me emocionar ao ouvi-la cantar *Água*, de Cao Trein, *Sonhos*, de Bebeto Alves no lendário Teatro Leopoldina, circular linda e esvoaçante,

Solaris

n em depoimentos detalhes
Loma

sempre com aquele sorrisão na cara. Corta! É 2025 e eu estou no Morrostock, trabalhando na assessoria de imprensa. Numa bela manhã de outono, no paraíso onde acontece o Festival, em Santa Maria, me dirijo ao Palco Lago, que, como o nome diz, fica à beira de um rio com pedras, corredeiras e água límpida. Sento, como todos, em uma das pedras na margem, ponho os pés na água e lá surge ela, quase como uma aparição na nossa manhã, cantando *Lugarejo*, de Giba Giba e Wanderlei Falkenberg. A natureza inteira se acendeu para ouvir a história, mais uma vez sendo tecida, ao vivo, a cores, bem debaixo dos nossos olhos.

Bebê Baumgarten (jornalista e assessora de imprensa)

Eu tinha 13 anos de idade e cantava em festivais infantis quando a Loma soube que eu cantava. Imediatamente ela me enviou um disco de vinil dela e mais uma fita contendo gravações de músicas suas que ela havia cantado nos festivais. Junto veio também uma carta dela na qual dizia ficar à minha disposição caso precisasse. O mais interessante é que na carta ela referia-se a mim como

credita à riqueza rítmica e variedade dos parceiros envolvidos na produção do disco, em especial à participação na feitura da obra em estúdio do produtor carioca João de Aquino. Na canção título *Além-Fronteiras*, Loma arrisca outra autodefinição: “*Eu sou a negra maluca do sempre ou do nunca, do oito ou oitenta / Sem freio n’alma e na boca, sou feito uma louca paixão que rebenta / Eu sou a pétala solta que um dia te encontra, te enfeita e te afaga / E noutro se desorienta, sou feito uma lenta paixão que embriaga*”.

Ziguezagueando ganhou lançamento em 2015, reunindo em seus sulcos 15 canções que eram uma síntese das experiências musicais e estéticas vivenciadas por Loma até ali. O álbum apresenta um verdadeiro banquete, pondo na mesa maçambique, maracatu, ijexá, reisado, samba-enredo, samba-canção, ritmos africanos, baião, misturas de mambo e



Glau Barros (esq), Loma, Nina Fola e Marietti Fialho no projeto *Iadolê*

“colega”. “Para minha colega Shana”. Eu ainda hoje lembro o quão surpreendente para mim foi ler aquilo. Como assim a artista que era referência para mim nos festivais e que eu escutava sempre cantando nos discos de festivais me chamando de “colega”? Eu acredito que a Loma é a intérprete mulher mais generosa que existe aqui no Rio Grande do Sul. E artisticamente uma das mais completas. Tudo isso na realidade fala muito sobre a personalidade generosa da Loma enquanto ser humano e também enquanto artista.

Shana Muller (cantora e compositora)

A Loma para mim foi uma figura muito importante ao longo de minha trajetória musical

e, eu diria, uma das grandes referências, além de minha própria mãe, dentre tantas outras mulheres que admirava. Uma das poucas pretas que vi na televisão numa época em que se não se via mulheres pretas na TV, nos comerciais ou em qualquer outro lugar. Loma foi minha referência como mulher, cantora também, maravilhosa, a nossa griô. A mulher que nos pampas representa a mulher preta. Loma representa a força da mulher preta. A resiliência da mulher preta. A existência da mulher preta. A Loma, para mim, é figura fundamental dentre todas as outras importantíssimas na história, não só do nosso Rio Grande como de todo o País.

Marietti Fialho (cantora, compositora e empresária)



Loma, durante sua performance na Moenda da Canção Nativa de 2024

samba e chamamé. O radialista e pioneiro comunicador Glênio Reis, à época de seu lançamento, considerou o disco o melhor produzido naquele ano. Discorreu Glênio que, além do timbre mágico da voz de Loma, *Ziguezagueando* trazia belas interpretações feitas por ela para difíceis temas. “O grande barato

da atualidade não é mais a música vinda do campo, mas, sim, a litorânea, aquela que fala do mar e dos pescadores com ritmos de maçambiques e quicumbis. Tratam-se de heranças benditas de origem afro-açoriana que encontram, na voz de Loma, a grande referência deste tipo de musicalidade”, traçou Reis.

As muitas cores de Loma Solaris

Antes de engrenar carreira solo, Loma foi voz de apoio em shows de artistas como Elza Soares, Gilberto Gil, Bebeto Alves, Neto Fagundes, Jorge Mautner e Alceu Valença, entre tantos outros. Um dos destaques da sua carreira foi com os Cantadores do Litoral, que divulgou pelo Brasil e Portugal o legado afro-açoriano no Rio Grande do Sul.

Loma Solaris consolidou-se nos Festivais Nativistas Gaúchos a partir da 4ª Califórnia de Uruguaiana. Foi premiada Melhor Cantora Nativista da década de 1980 no Estado, indicada ao Prê-

mio Sharp na categoria cantora Regional no ano de 1992 e vencedora do Açorianos de Música em 2000, nas categorias de melhor intérprete e melhor CD de MPB.

Loma fez este ano sua estreia como atriz em um longa, no filme *Porongos*. Na produção dirigida por Diego Müller, ela é Preta Roza, mulher negra escravizada convertida em guerreira no quilombo de Manoel Padeiro, em 1830. Combatente armada e estrategista, Roza morreu em confronto em 16 de junho de 1835, tornando-se símbolo da resistência negra e feminina no Estado.



Loma Solaris fez sua estreia em longas-metragens atuando no filme *Porongos*

Nos sulcos da vida

Antes de dar início definitivamente à carreira solo em 1983, Loma Solaris deixou seus vocais em importantes gravações feitas em disco por artistas gaúchos e brasileiros das mais diversas procedências e dos mais distintos gêneros. A seguir, uma seleção de discos e respectivas canções nas quais Loma deixou eternizada sua voz de timbre e qualidades vocais únicas.

Paulinho Tapajós
A História se Repete (1978)
Pera, Uva ou Maçã
Sapato Velho

Fernando Ribeiro
O Coro dos Perdidos (1978)
Dramas de Circo
Americano III
Pedaços
Valhalla

Elza Soares
Negra Elza (1980)
Timbó
Olindina

Kleiton e Kledir
Kleiton e Kledir (1981)
Deu Pra Ti

Jorge Mautner
Bomba de Estrelas (1981)
O Encantador de Serpentes

Gilberto Gil
Luar (1981)
Luar
Axé Babá

Alceu Valença
Cavalo de Pau (1982)
Como dois animais
Tropicana

Bebeto Alves
Notícia Urgente (1983)
Mágica
Chama Crioula

Marcos Valle
Marcos Valle (1983)
Tapa na Real

Zé Ramalho
Por Aquelas Que Foram Bem Amadas Ou Pra Não Dizer Que Não Falei De Rock (1984)
Paisagem da Flor Desesperada
Made in PB
Brejo da Cruz
Dogmática
Dupla Fantasia

Léo Ferlauto e Banda Delírio
Sonho de Valsa (1984)
Rock em fá



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irredutíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

Cinema das Missões na CCMQ

A Cinemateca Paulo Amorim da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736) recebe, até o dia 29 de outubro, a Mostra Cinema Gaúcho das Missões. São dois longas oriundos da região das Missões, em sessões diárias e alternadas, sempre às 19h. Com direção de João Pedro Gottardo, *Contrabando* (dias 25 e 28) é uma obra de ficção ambientada no final da década de 1970, nas margens do rio Uruguai, e que retrata a mitologia dos 'chibei-

ros', que vivem de pequenos contrabandos entre Brasil e Argentina, por meio de Daniel, que perambula entre as nações vendendo farinha de trigo. Por sua vez, *Sirius*, de João Carlos Cembranel (dias 24, 26 e 29), trata do confronto de ideias entre um estranho e misterioso morador chamado Sirius e a jovem Angela, estudante que se encontra de férias na cidade de sua família, tendo como pano de fundo a corrida espacial em direção à Lua.



Sirius, de João Carlos Cembranel, é um dos longas em mostra na CCMQ

Meu amigo serial killer

Protagonizado por Steve Buscemi, *Conselhos de um Serial Killer Aposentado*, do cineasta turco Tolga Karaçelik, chega aos cinemas trazendo a história de um escritor em crise criativa que, em meio às angústias e atribulações de um processo de divórcio, faz amizade com um *serial killer* aposentado.

O novo e inusitado amigo assume dois papéis importantes: durante o dia ele é terapeuta conjugal e, à noite, atua como consultor para um novo livro. Com toques de suspense e humor irreverente, o longa-metragem ganhou o prêmio do público no Festival de Cinema de Tribeca.

Um mundo de segredos por trás da tela

Dirigido por Susanna Lira, o longa de suspense *Salve Rosa* propõe ao espectador um mergulho em um universo tenso e perturbador. A trama se move em torno da jovem influenciadora digital Rosa (Klara Castanho), de 13 anos, e milhões de seguidores, cuja vida por trás da tela esconde um mundo de segredos. Criada com rigor por sua

mãe Dora (Karine Teles), que regula cada aspecto de sua vida, Rosa vive sob grande pressão emocional. Um desmaio na escola desencadeia uma busca intensa pelo passado, e cada nova verdade ameaça a relação entre mãe e filha, desconstruindo a aparente normalidade para revelar camadas sombrias e perturbadoras.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

[illegible]

12	4/iris — remo — poor. 5/jihad. 7/esquimo.	BANCO
----	---	--------------

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br










Acesse
nosso site!



 @coquetel
  /viduacoquetel

Solução

M	A	R	G	E	M	D	E	R	A	R	O
V	A	R	O	N	T	E	M	T	A	R	O
U	N	O	A	G	A	E	E	E	C	O	
T	O	P	O	A	R	T	I	C	O		
T	L	E	R	N	T	S					
L	X	A	M	E	U						
I	M	O	J	I	H	A	D				
A	M	E	I	X	A	C	B	O			
F	A	R	P	A	F	S	O	A			
H	M	A	I	R	I	S					
A	S	N	O	D	E	N	S	O	S		
P	I	G	M	E	N	T	O	A	I		
W	I	C	A	R	S	I	M				
Z	E	B	U	M	O	I	N	H	O		
E	L	O	Q	U	E	N	C	I	A		
E	S	D	R	B							

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Você prefere organizar as relações de modo que estas não lhe apresentem surpresas e nada saia de seu controle. Pois agora o melhor é abrir mão dessa ordem controladora

Touro: Em vez da oscilação dos sentimentos dar o tom principal às suas relações, são as responsabilidades assumidas que devem estruturá-las. Nada de escapular da vida.

Gêmeos: Aceitar o término de situações do passado é a condição requerida para renovar seu trabalho. Não fique discutindo as situações, tome as providências práticas para mudá-las.



Câncer: A renovação da vida amorosa depende agora de você abrir mão de velhos hábitos e rotinas. Você quer segurança, mas não é com rotinas velhas que você ficará mais forte.

Leão: Realmente são velhos hábitos que precisam ser modificados, se você quiser ter a relação familiar renovada. Assim também, se você quer usar melhor seus ambientes e lugares.

Virgem: Seu jeito de ser precisa mudar, em especial no modo de trabalhar, se você quer implantar um estilo de vida mais de acordo com seu momento atual. Evite os caminhos já batidos.

Libra: Para realmente renovar a maneira de administrar suas posses e dinheiros, você terá que mudar a tendência a se arriscar ou a ser displicente com suas coisas. Nada de preguiça.

♏ Escorpião: O excesso de importância que dá às simpatias e antipatias sociais leva seus humores a flutuarem demais. É hora de você mudar isso e se basear em seus sentimentos estáveis.

 **Sagitário:** Para cuidar da saúde e problemas pessoas é preciso, em primeiro lugar, assumir-se como responsável por eles. Nada de disfarçar como se os problemas não fossem com você.

Capricórnio: Seu sentido de direção muda demais, impedindo-o de seguir projetos de longo prazo. É tempo de você mudar isso: você é pressionado a largar seus caprichos de humor.



Aquário: Momento de importantes decisões na carreira profissional. Mas, para isso, terá que sair de sua zona de conforto, sair do comodismo e realmente cumprir o que está prometido.

 **Peixes:** Vencer dificuldades pessoais e ser confiante diante de adversidades que lhe abatem moralmente, é tudo o que você precisa para criar orientação nova para sua existência.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Novo policial de Tailor Diniz

O romance policial segue como um dos gêneros mais ricos da literatura. Do pai de todos, Edgar Allan Poe, passando por Agatha Christie e Ellery Queen, na era de ouro (1920-40); Dashiell Hammett e Raymond Chandler da fase *noir* e *hard-boiled* (1930-60) até contemporâneos internacionais como John Le Carré, Guillaume Musso, Andrea Camilleri e Patrícia Highsmith, o policial encanta. No Brasil, Rubem Fonseca e Patrícia Melo, entre outros, brilharam.

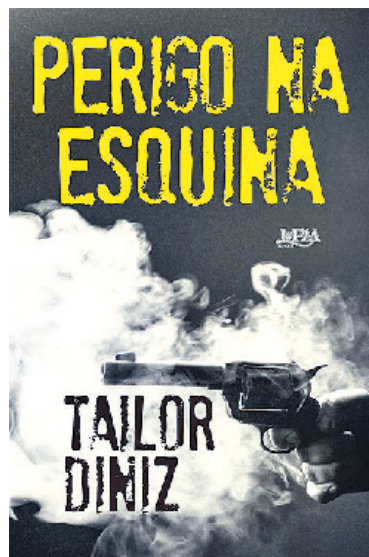
Tailor Diniz, jornalista, escritor e roteirista premiado, é um dos grandes autores brasileiros de policiais da atualidade. Autor de *Os Canibais da Rua do Arvoredo*, *Em linha reta* e *Jogos Imperfeitos*, entre dezenas de obras, Tailor se notabiliza por combinar ambientações porto-alegrenses com tramas de mistério e investigação com apelos universais.

Perigo na esquina (L&PM

Editores, 248 páginas, R\$ 69,90) é o novo policial de Tailor, com cenas ambientadas no Centro, na Cidade Baixa e no bairro Floresta de Porto Alegre. A trama envolve o detetive A. Boccanera e sua parceira Camilinha, profissional do sexo, que investigam o desaparecimento do filho de um pastor. O rapaz foi expulso de casa por ser gay, depois tornou-se travesti trabalhando na noite, em casas noturnas e ruas como a São Carlos.

Em tom *noir*, que dialoga com os clássicos americanos do gênero, o movimentado *thriller* traz crime, sexo, violência, extorsão, ambição, política, fé, disputa por pontos de ambulantes, traições conjugais e religiosas e, em síntese, mostra muito sobre a hipocrisia, a violência urbana e os perigos e armadilhas escondidos em Porto Alegre.

Lá pelo final do romance, depois de muitos acontecimen-



tos, muita malandragem e picardia bem narrados, disse Camilinha: “Juro, não sei quem é o mais doido lascado nessa história. Você, o pastor ou a bispa. Caraca! Se me contassem, eu não acreditava. Um mais bandido do que o outro. Juro pela futura alma da minha mãe.”

e palavras...

VIDA, PENSAMENTO E OBRA DE EDGAR MORIN

Aos 104 anos, Edgar Morin, nome adotado para entrar na resistência clandestina ao invasor nazista na França, segue pensando, vivendo, escrevendo e publicando. Nascido em Paris, com o sobrenome Nahoum, Morin é antropólogo, sociólogo e filósofo e pesquisador emérito do Centre National de La Recherche Scientifique. Formou-se em Direito, História e Geografia. Durante sua longa vida exerceu funções políticas públicas e participou ativamente da vida cultural e, em especial, dos acontecimentos ligados à história do pensamento dos séculos XX e XXI.

Só um instante - textos pessoais, políticos, sociológicos, filosóficos e literários (Editora Sulina, 144 páginas, R\$ 80,00), com tradução e introdução competente do professor, jornalista, ensaísta, poeta, tradutor e escritor Juremir Machado da Silva, é um pequeno grande livro, que traz textos mostrando a relação inseparável da vida, pensamento e obra do autor.

Morin escreveu os seis monumentais volumes de *O Método* e dezenas de livros sobre temas antropológicos, sociológicos, epistemológicos e culturais. Morin desenvolveu a corrente denominada pensamento complexo, uma das mais influentes das ciências humanas dos últimos dois séculos.

Neste *Só um instante* estão textos publicados ao longo da vida. O autor fala de morte, da sensação de fazer cem anos, da missão do intelectual, da defesa das humanidades, da contribuição capital dos pós-marranos à cultura mundial, de democracia, do pensamento socialista em ruínas, do conflito, da cama, de Stalin e de medi-

cina. Morin fala também da consciência da consciência, da degradação da nossa alimentação, de mulheres, vida e liberdade e de mudar de via e de vida.

Na introdução, escreveu Juremir Machado da Silva: “O leitor encontrará nestas páginas o centenário Edgar Morin na força da idade do pensamento, independente, visceral, leve, muito pessoal, não pertencendo, como ele mesmo disse certa vez, a ninguém. Livre, crítico e generoso. Enfim, um pequeno grande livro sobre a vida. Só um instante.”

Para Edgar Morin, ser intelectual é se autoinstaurar como tal, ou seja, dar-se uma missão: uma missão de cultura, uma missão contra o erro, uma missão de consciência pela humanidade. Sobre a democracia, Morin disse que ela entrega o poder, por alguns anos, à verdade de um partido, diferentemente de um regime totalitário ou de um regime teocrático, nos quais só há uma verdade absoluta e permanente.

Falando de mudar, Morin diz: “A globalização, com suas oportunidades e, sobretudo, ameaças, criou uma comunidade de destinos para todos os humanos. Todos temos de enfrentar a degradação ecológica, a multiplicação das armas de destruição massiva, a hegemonia das finanças, o retorno da guerra na Europa. Paradoxalmente, no momento em que se deveria tomar consciência solidariamente da comunidade de destino de todos os terráqueos, sob o efeito da crise planetária e das angústias provocadas por ela, por toda parte nos refugiamos em particularismos étnicos, nacionais e religiosos.”

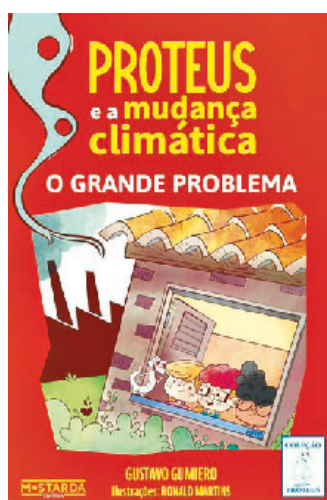
lançamentos



► **A hora de partir: A grande imigração toscana no Brasil - 1875-1914** (Educs, 312 páginas), de Antônio De Ruggiero, professor de História Contemporânea e pesquisador da Pucrs, traz a trajetória de 80 mil imigrantes toscanos. Obra importante, essencial, nasce referencial para um tema ainda não abordado entre nós. Especialmente nos centros urbanos, os toscanos contribuíram muito para o desenvolvimento brasileiro.



► **Por onde o tempo passa** (Maralto, 104 páginas), da escritora Leticia Wierzchowski, autora de mais de 30 livros, traz crônicas publicadas em seus mais de dez anos em Zero Hora. Infância, família, tempo, casa de praia, o missal da avó e outros temas são tratados com a sensibilidade, a delicadeza e o talento narrativo que marcam a trajetória de Leticia.



► **Proteus e a mudança climática - O Grande Problema** (Editora Mostarda, 78 páginas), de Gustavo Gumiero, sociólogo e escritor, com ilustrações de Ronald Martins, fala, através do personagem Proteus, especialmente para crianças e jovens, de poluição plástica, desmatamento, exploração da Amazônia e mudanças nas leis ambientais.

a propósito...

Neste momento mundial de muitas guerras, polarizações deletérias em vários pontos do mundo, devastação ambiental, crises políticas, econômicas, sociais e culturais, psicopatas nos comandos e falta de crescimento humano e espiritual, os textos de Morin são um alento, uma fonte de esperança e um

convite para que os humanos busquem outras vidas, outras coisas, outros pensamentos e para que entendam e aceitem, de uma vez por todas, os poderes do amor, da amizade, da paz, do entendimento e da busca eterna por algo melhor do que está aí.

(Jaime Cimenti)

pensando cultura

Ópera em celebração a Jayme Caetano Braun

VITÓRIA PROENÇA/DIVULGAÇÃO/JC

A Companhia de Ópera do Rio Grande do Sul (Cors) estreia o espetáculo *Em Busca das Paisagens Perdidas*, em homenagem ao centenário do missioneiro e *payador* Jayme Caetano Braun. A obra, encomendada ao compositor Vagner Cunha, com libreto de Renato Mendonça, tem concepção e direção cênica de Carlota Albuquerque. A estreia está marcada para este final de semana, em sessões no sábado, às 20h, e no domingo, às 18h, no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089), em Porto Alegre. Os ingressos custam entre R\$ 80,00 a R\$ 180,00 e podem ser adquiridos através do site do Theatro São Pedro.

Quem dará vida ao homenageado é o cantor nativista Pirisca Grecco, acompanhado pelas sopranos Carla Maffioletti, Eiko Senda, Elisa Lopes e Raquel Fortes e a contralto Luciane Bottona. Completam o elenco o tenor Maicon Cassânego e o baixo-barítono Guilherme Roman. Outro grande destaque da estreia mundial é a bailarina Emily Borghetti no papel de A China. A direção musical e regência são do maestro André dos Santos.

O espetáculo, que integra o projeto Ópera e Formação e será a primeira encomenda de ópera contemporânea da Cors, unirá cantores líricos e artistas de destaque da música e da dança regionais. Segundo o presidente da Cors, Flávio Leite, a ideia é fo-



Espectáculo *Em Busca das Paisagens Perdidas* faz sua estreia nos dias 25 e 26 de outubro, no Teatro Simões Lopes Neto

mentar a cena operística contando histórias de personalidades marcantes da cultura gaúcha. “A ópera, como gênero artístico vivo, dialoga com o nosso tempo e com a nossa cultura. Lembrando o centenário de Jayme Caetano Braun e às vésperas dos 400 anos das Missões Jesuíticas

no RS, falar sobre a nossa terra e nossos personagens em forma de ópera nos projeta para fora do Estado exatamente no que temos de mais especial: nossa cultura”, afirma o presidente da Cors.

Um dos grandes poetas regionalistas do Sul, Jayme Caetano Braun deixou um legado

inestimável, atravessando todas as fronteiras, em especial para o Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia. Ao longo de sua carreira, lançou diversos livros como *Galpão de Estância*, *Brasil Grande do Sul*, *Paisagens Perdidas*, *De Fogão em Fogão* e *Potreiro de Guachos*. Também deixou sua

marca discográfica, e entre seus álbuns estão *Payadas*, *Troncos*, *Missionários* e *Payador*. No dia 1º de novembro, a ópera será exibida no Palco Bell'Anima, no Recanto Maestro, entre as cidades de São João do Polêsine e Restinga Sêca, região central do Estado.

John Pizzarelli vem a Porto Alegre comemorar 40 anos de estreia

TED KURLAND/DIVULGAÇÃO/JC



Show no Salão de Atos da Pucrs vai movimentar quase um século de música, a partir do disco *Stage & Screen*

O aclamado guitarrista e vocalista John Pizzarelli retorna a Porto Alegre para um show comemorativo aos 40 anos de seu álbum de estreia, *I'm Hip (Please Don't Tell My Father)*, de 1983, nesta sexta-feira, às 21h, no Salão de Atos da Pucrs (Ipiranga, 6.681). Além do aniversário de seu *debut* no mercado musical, o show traz a coletânea de clássicos da Broadway e de Hollywood presente no álbum *Stage & Screen*, com canções que abrangem quase um século e foram renovadas por Pizzarelli, o baixista Mike Karn e o pianista Isaiah J. Thompson.

Consagrado como um dos principais intérpretes contemporâneos do *Great American Songbook*, Pizzarelli expandiu seu repertório, incluindo músicas de Paul McCartney, Joni Mitchell, Neil Young, Tom Waits, Antônio

Carlos Jobim e os Beatles. Ele foi vencedor de um Grammy na categoria Melhor Álbum Vocal Pop Tradicional como coprodutor de *American Standard*, de James Taylor, em 2021.

Na turnê de *Stage & Screen* o guitarrista traz um repertório de quase nove décadas, começando com *I Want To Be Happy* e *Tea For Two*, parte da trilha do musical *No, No, Nanette* de 1925, e chegando ao século XXI com *I Love Betsy*, de *Honeymoon in Vegas*, de Jason Robert Brown. Também há peças de compositores icônicos como Richard Rodgers, Lorenz Hart, Oscar Hammerstein II, Leonard Bernstein, Sammy Cahn e Jule Styne, além de canções imortalizadas em sucessos do cinema como *Casablanca*. Os ingressos custam a partir de R\$ 210,00 e estão disponíveis via Sympla.